

## **DO GRUPO DE TRABALHO COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA AO NÚCLEO DE PESQUISA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL**

**Isaltina Maria de Azevedo Mello GOMES**

(UFPE)

Resgata o percurso do Grupo de Trabalho (GT) Comunicação e Ciência, desde a sua institucionalização, em 1991, sob a denominação de GT Pesquisa em Jornalismo Científico até a sua extinção, em 2000. Constata o crescimento do interesse pelo assunto e apresenta o mapeamento dos temas inseridos no GT. Aborda, também, as perspectivas dos componentes do Grupo com a implantação do Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental.

**Palavras-chave: Intercom E Divulgação Científica, Grupo De Trabalho Comunicação E Ciência , Núcleo De Pesquisa Comunicação Científica E Ambiental**

Os avanços da ciência e da tecnologia (C&T) fizeram crescer na humanidade o interesse pela informação científica, que, pouco a pouco, se transformou em necessidade. O homem dos dias atuais demanda informações precisas sobre questões que, de uma forma ou de outra, repercutem em sua qualidade de vida. Assim, cada vez mais, a sociedade contemporânea vem se conscientizando que o acesso a essas informações é um direito de todos, e por isto, aumenta a demanda de informações sobre questões, como saúde, tecnologia, meio ambiente, entre tantas outras.

O mercado, por outro lado, também se deu conta da importância da divulgação científica e abriu espaços para esse tipo de informação. Nos anos 80, por exemplo, foi dado grande impulso ao jornalismo científico: grandes jornais diários do País criaram seções específicas e até mesmo cadernos sobre o assunto. A década também foi marcada pelo lançamento de revistas especializadas em C&T. Em 1982, surgiu a *Ciência Hoje*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Cinco anos depois, em 1987, foi a vez de *Superinteressante*, da Abril, e, em 1989, a Editora Globo lançou *Globo Ciência*, atual *Galileu*.

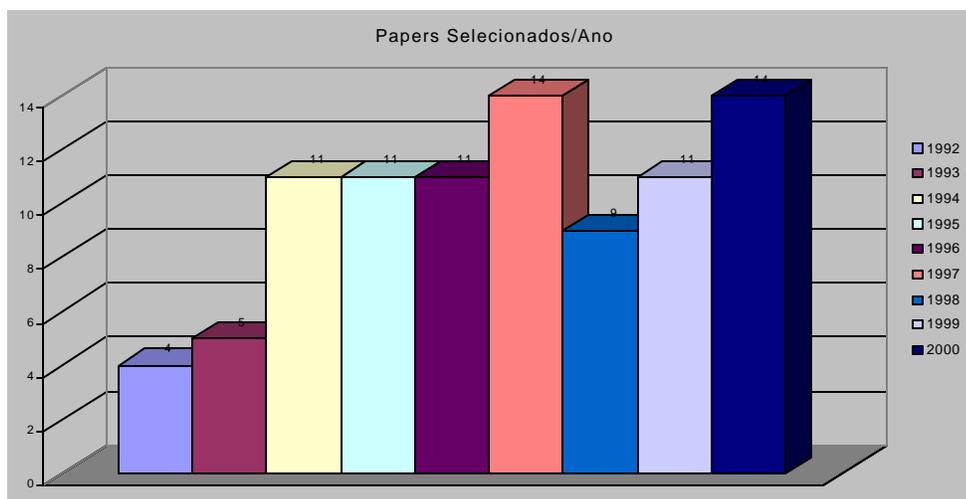
Foi nessa conjuntura que também começou a crescer o interesse de pesquisadores da comunicação e da ciência da informação em discutir questões relacionadas à divulgação da C&T. Tomando como ponto de partida a emergente linha de pesquisa sobre divulgação

científica em várias universidades brasileiras, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM) institucionalizou, em 1991, o Grupo de Trabalho (GT) *Pesquisa em Jornalismo Científico*<sup>1</sup>, que, em 1994, passou a ser denominado *GT Comunicação e Ciência* até a sua dissolução, em 2000, em decorrência das normas da INTERCOM, que previam a dissolução de todos os GTs, em 2000.

No período entre 1991 a 2000, o *GT Comunicação e Ciência* teve três coordenadores. Nos três primeiros anos, o professor Manuel Carlos Chaparro, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Em 1995, Chaparro passou a coordenação à jornalista Fabíola de Oliveira, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), atualmente professora da UNIVAP (SP) e, de 1996 a 2000, a função foi assumida pela professora Isaltina Mello Gomes, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco.

De sua institucionalização até sua dissolução, o *GT Comunicação e Ciência* teve o percurso de um GT pequeno, mas que, aos poucos, se consolidou. O crescimento do interesse dos pesquisadores na área repercutiu, ano após ano, no aumento da demanda pelo GT, que, de 1992 a 2000, teve 92 *papers* selecionados (FIGURA 1).

**FIGURA 1 – GT COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA - PAPERS SELECIONADOS**



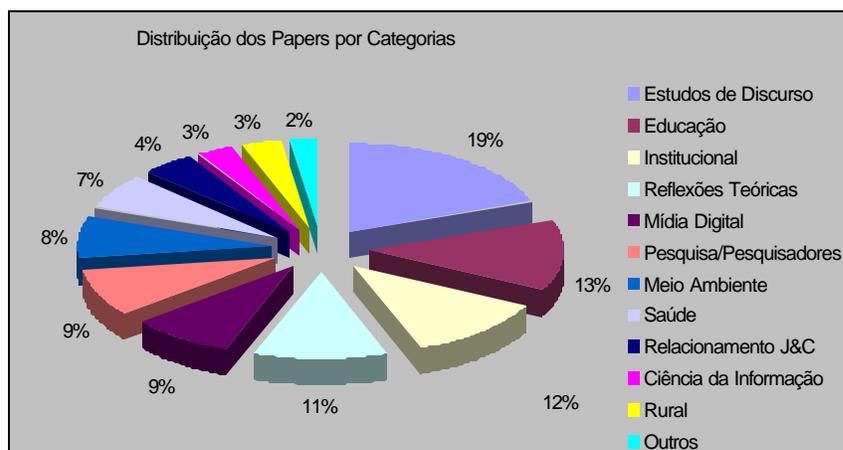
Nos três primeiros anos, a inscrição de trabalhos no *GT Comunicação e Ciência* era baixa, de quatro e cinco *papers*). A partir de 1994, a procura cresceu sensivelmente e, de 1998

<sup>1</sup> Embora o *GT Pesquisa em Jornalismo Científico* tenha sido institucionalizado em 1991, por falta de dados relativos aos pesquisadores e *papers* apresentados, as informações que constam deste trabalho referem-se apenas ao período de 1992 a 2000.

até o ano 2000, o número de inscritos variou entre 16 e 25 *papers*/ano. Esses dados revelam a consolidação do *GT Comunicação e Ciência* e também indicam o crescimento do interesse dos pesquisadores no sentido de realizarem trabalhos na área. Além disso, a demanda maior implicou um salto qualitativo do referido GT.

Em seus nove anos de atividades, o *GT Comunicação e Ciência* reuniu pesquisadores de todas as regiões do País interessados em discutir temas como a importância da divulgação científica; os discursos da ciência e da divulgação científica; as implicações da evolução tecnológica na divulgação científica; a relação entre ciência, mídia e sociedade; os processos de geração e difusão do conhecimento científico, o relacionamento entre cientistas e jornalistas, com vistas à divulgação científica; e a situação da pesquisa sobre comunicação e ciência no Brasil. O tema comunicação e ciência foi trabalhado numa perspectiva transdisciplinar, abrindo desde perspectivas da Análise do Discurso, tendo como suporte teórico autores do calibre de Bakhtin, Bourdieu e Maingueneau, até a ciência da informação, passando pelo jornalismo, pela sociologia, Educação etc. A **FIGURA 2** expõe a temática dos *papers*, distribuídos em categorias: (1) estudos do discurso; (2) educação; (3) institucional; (4) reflexões teóricas; (5) mídia digital; (6) pesquisa e pesquisadores; (7) meio ambiente; (8) saúde; (9) relacionamento jornalistas/pesquisadores; (10) ciência da informação; (11) comunicação rural; (12) outros.

No período 1992-2000, registra-se o predomínio de trabalhos sobre *Estudos do Discurso*, que envolvem estudos com base na Análise do Discurso, tanto na perspectiva francesa quanto na anglo-saxônica, na lingüística de texto e na pragmática. Os *papers* tratam dos mais variados aspectos dos discursos científico e jornalístico, entre os quais a linguagem, a estrutura dos textos e as estratégias discursivas. Apesar de apresentar o melhor desempenho entre as categorias (19%), *Estudos do Discurso* só começa a ganhar força no *GT Comunicação e Ciência*, a partir de 1994. A procedência dos trabalhos dessa categoria concentra-se nas regiões Sudeste e Nordeste.

**FIGURA 2 – GT COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA – CATEGORIZAÇÃO DOS**

### **PAPERS**

O segundo melhor desempenho, *Educação* (13%), aparece em todo o período, com trabalhos das regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Nordeste. Os *papers* enfocam, principalmente, o desenvolvimento de atividades que visam à preparação de profissionais especializados em divulgar C&T, nas mais diversas mídias. Também são encontrados estudos sobre educação científica realizados com estudantes dos ensinos fundamental e médio.

*Institucional* aparece como o terceiro maior interesse do *GT Comunicação e Ciência* (12%). Os trabalhos dessa categoria são originários das regiões Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Sul e, em geral, apresentam experiências de divulgação científica realizadas em instituições públicas ou estudos que avaliam a sistematização e o gerenciamento dos fluxos informacionais visando à divulgação científica. Na categoria *Reflexões Teóricas* (11%), os trabalhos abordam conceitos como ciência, cultura científica, produção do conhecimento e práticas sociais, vinculando a importância da ciência e sua repercussão para a sociedade. Os *papers* incluídos nessa categoria são embasados principalmente em teóricos da teoria da comunicação, sociologia, filosofia, antropologia e dos estudos culturais. Esses trabalhos vêm, predominantemente, do Sudeste, seguido pelo Nordeste, Centro-Oeste e Sul.

As categorias *Mídia Digital* e *Pesquisa e Pesquisadores* alcançam o mesmo patamar, com 9% cada, mas têm trajetórias diferentes. *Mídia Digital* só aparece a partir de 1994, e, desde então, torna-se presença constante no *GT Comunicação e Ciência*. Numa época em que a comunicação torna-se cada vez mais rápida e acessível, as alterações que os avanços tecnológicos, mais especificamente a mídia digital, vêm provocando na divulgação da ciência e da tecnologia constitui a principal preocupação dos trabalhos enquadrados nessa categoria. Os *papers* têm sua origem, predominantemente, nas regiões Sudeste e Nordeste. *Pesquisa e*

*Pesquisadores*, por seu turno, só aparece em 1997, com uma concentração de oito trabalhos, que tem justificativa no incentivo da direção da INTERCOM à produção de trabalhos nessa linha, tendo em vista a comemoração dos 20 anos da instituição. Nesta categoria, a maioria dos *papers* traça um perfil da situação da pesquisa em comunicação e ciência em diversas universidades e instituições de pesquisa brasileiras.

O interesse por questões de *Meio Ambiente* está concentrado entre pesquisadores do Sudeste e Centro-Oeste. A categoria, que reúne 8% dos *papers* apresentados, traz abordagens que vão desde a atuação da imprensa em relação a problemas ambientais ou a cobertura de um determinado evento até questões de educação ambiental. Com 7% dos trabalhos apresentados, a categoria *Saúde* traz reflexões de pesquisadores do Sudeste e do Sul do País. Os estudos abordam, predominantemente, o tratamento dado pela imprensa a temas relacionados à saúde. Entre 1993 a 1996, ocorre a categoria *Relacionamento Cientistas e Jornalistas*, com 4% dos trabalhos apresentados. Os *papers* incluídos nessa categoria tratam especificamente da difícil relação entre os profissionais de imprensa e suas fontes – os cientistas.

Em seguida, vêm no mesmo patamar, com 3% cada, as categorias *Ciência da Informação* e *Comunicação Rural*. A primeira – com trabalhos do Norte e do Nordeste – aborda, principalmente, as bases de dados como elementos essenciais no processo de disseminação da informação. A categoria *Comunicação Rural*, por sua vez, reúne trabalhos que se concentram na análise crítica do modelo difusionista. Os *papers* dessa categoria vêm basicamente do Sudeste e do Nordeste.

Até a sua dissolução, o *GT Comunicação e Ciência* contou com a participação de pesquisadores de todas as regiões brasileiras, reflexo do crescimento das pesquisas sobre divulgação científica em diversas universidades e instituições de pesquisa. É válido destacar que o Sudeste e o Nordeste tiveram presença constante de 1992-2000. A região Sudeste deteve a predominância de trabalhos (54%). Acreditamos que o predomínio do Sudeste decorre da concentração do número de escolas de comunicação na região. Destaque-se ainda o fato de no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista do Estado de São Paulo (UMESP) existir a área de concentração Comunicação Científica e Tecnológica, abrangendo três linhas de pesquisa: Estratégias de Comunicação Científica, Novas Tecnologias de Comunicação e Comunicação Especializada. Depois do Sudeste, vieram o Nordeste (27%), Centro-Oeste e Sul (com 7% cada) e Norte (3%).

A seguir, seguem duas figuras com dados sobre a origem dos trabalhos apresentados no *GT Comunicação e Ciência*. A **FIGURA 3** mostra o desempenho das regiões brasileiras,

além da Argentina e da França, enquanto a **FIGURA 4**, o desempenho por estado. Esses dois gráficos reafirmam a supremacia do Sudeste. Em termos de estado, vê-se a predominância de São Paulo, com 39% dos *papers* selecionados de 1992-2000. Também se observa bom desempenho de Pernambuco (15% *papers*), principalmente se for considerado que sua participação teve início somente em 1995.

Também é importante destacar que enquanto o *GT Comunicação e Ciência* esteve em atividade, 39 instituições foram representadas por seus pesquisadores que expuseram trabalhos durante os congressos da INTERCOM. Dentre essas instituições, há 33 universidades, entre públicas e privadas, (Associação de Ensino Superior do Piauí, Faculdade Carioca, PUC- Campinas, PUC-RS, SOBEU, UEL, UERJ, UFBA, UFAL, UFES, UFMG, UFPA, UFPB, UFPE,

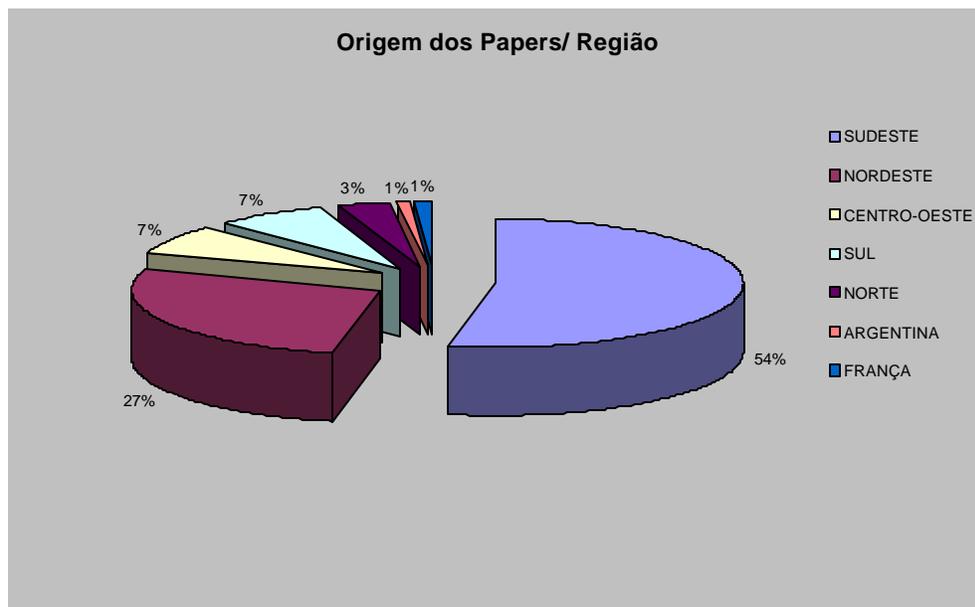
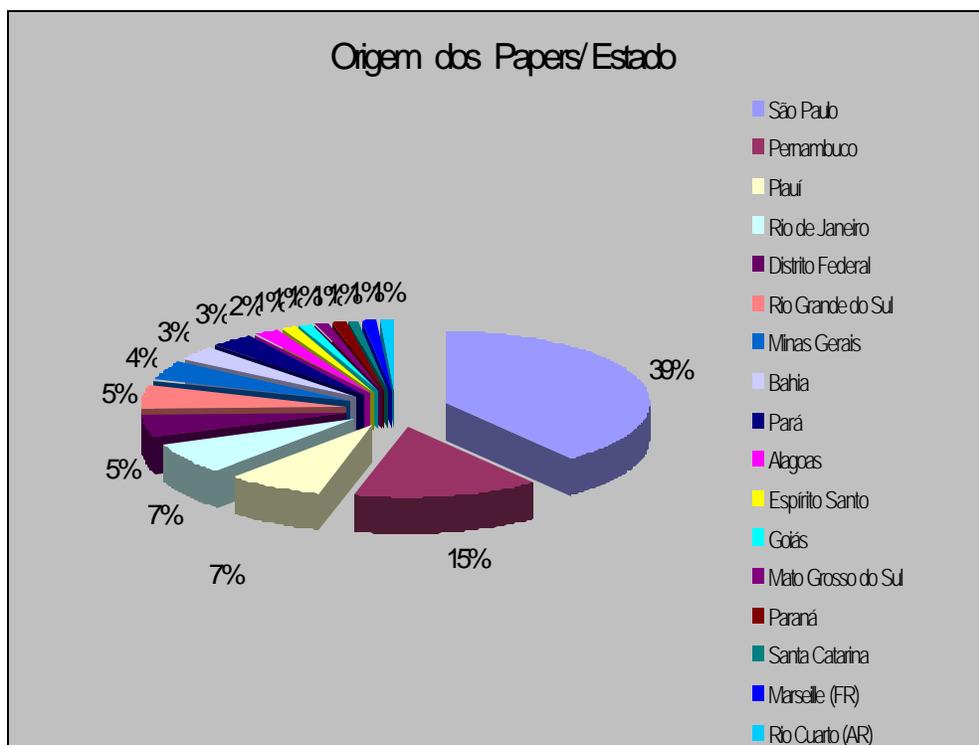


FIGURA 3 - – *GT COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA – PAPERS versus REGIÕES*

**FIGURA 4 - – GT COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA – PAPERS versus ESTADOS**



UFPI, UFRJ, UFRS, UFSM, UFV, UGF, UMC, UMESP, UnB, UNESP, UniCEUB, Universidad Nacional de Rio Cuarto, Universidade Santa Cecília, UNIFESP, UNISINOS, Universidade de Taubaté, Universidade Regional de Blumenau, Université de la Méditerranée, USP) e seis institutos de pesquisa (BIREME, EMBRAPA, FIOCRUZ, INPE, Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, Museu Paraense Emílio Goeldi). Mesmo sem estar quantificada, a participação institucional é extremamente significativa, principalmente se considerarmos que as instituições estão investindo na difusão de informações sobre estudos desenvolvidos na área da Comunicação e Ciência.

Tomando por base o relatado e acreditando que muito ainda tínhamos o que investigar, refletir e discutir sobre a divulgação da C&T, achamos pertinente rerepresentar à INTERCOM, em outubro de 2000, o *GT Comunicação e Ciência*, pois, além de termos no Grupo um número de doutores suficiente para a institucionalização de um GT, segundo as normas da INTERCOM, a relevância e a atualidade das questões abordadas em nosso Grupo justificava a institucionalização de um espaço em que pudéssemos dar continuidade às nossas discussões. Além disso, tínhamos o respaldo do CNPq, uma vez que esse órgão reconhece a especialidade

jornalismo científico, na subárea jornalismo e editoração. Por outro lado, nosso GT abriga não apenas pesquisadores que trabalham com jornalismo científico – interesse primeiro e uma das principais abordagens do Grupo – mas também abre espaço para outras áreas, especialmente a ciência da informação.

Refletir sobre a divulgação científica; pesquisar as relações entre mídia, divulgação científica e novas tecnologias; destacar a relevância da informação na sociedade contemporânea enquanto matéria prima para a pesquisa científica, e, portanto, para o avanço da ciência; e discutir sobre funções, problemas e linguagem da divulgação científica foram os objetivos que constavam de nossa proposta de reapresentação do GT, subscrita por 17 pesquisadores (11 doutores, um doutorando, três mestres, um mestrando e um especialista).

Em outubro de 2000, o Conselho Curador e a Diretoria da INTERCOM examinaram as propostas de GT recebidas e decidiram dar a esses espaços de discussão acadêmica “...um sentido mais duradouro que o de grupos de trabalho (entendidos no âmbito da comunidade científica internacional como iniciativas transitórias)” (INTERCOM, 2000a, p. 3). Assim, foram criados os Núcleos de Pesquisa (NP’s), que “...deverão estruturar-se de modo permanente, evitando uma gravitação exclusiva em torno da seleção de papers para os congressos anuais e planejando suas atividades no sentido de aglutinar os interesses dos sócios que pertencem a um mesmo segmento disciplinar ou a uma área de fronteira” (p.3). Para a institucionalização dos NP’s, optou-se pela: preservação dos GTs cujos resultados positivos eram evidentes; mudança do perfil de alguns que demandavam ampliação de universos temáticos; junção de outros que se superpunham; extinção daqueles que se autodissolveram, e ainda, acolhimento de novas propostas consideradas suficientes (INTERCOM, 2000a; 2000b).

Com a institucionalização dos Núcleos de Pesquisa (NP’s), o antigo *GT Comunicação e Ciência* foi substituído pelo *Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica e Ambiental*, abrangendo as sessões temáticas, Divulgação Científica; Comunicação para a Saúde; Comunicação Rural e Comunicação Ambiental. A implantação desse NP, a cargo da atual coordenadora, professora da Universidade Federal do Piauí, Maria das Graças Targino, é um desafio não só para ela, que desde o início contribuiu para a sedimentação do Grupo, mas para todos nós que temos como alvo de nossos estudos aspectos relacionados à divulgação da C&T.

Esperamos que essa mudança possa, de alguma forma, otimizar a nossa *performance* como pesquisadores; implementar o relacionamento inter-institucional, com a realização de

estudos coletivos; e motivar outros segmentos, como o Governo e a sociedade civil, a se manifestarem sobre nossos debates e nossas preocupações.

## REFERÊNCIAS

CHAPARRO, Manuel C. *Jornalismo científico vive fase de contradição no Brasil*. São Paulo, 1993. 18 p. (Digitado).

GOMES, Isaltina Mello. *Dos laboratórios aos jornais*. 1995. 215 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

IMS. *Programa de pós-graduação - mestrado e doutorado*. São Bernardo do Campo, 1996.

INTERCOM. *Folder do XIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Porto Alegre, 1991.

\_\_\_\_\_. *Programa do XV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Bernardo do Campo, 1992.

\_\_\_\_\_. *Programa do XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Vitória, 1993a.

\_\_\_\_\_. *Relatório Científico do XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação apresentado ao CNPq*. São Paulo, 1993b.

\_\_\_\_\_. *Programa do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Piracicaba, 1994.

\_\_\_\_\_. *Programa do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Aracaju, 1995.

\_\_\_\_\_. *Programa do XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Londrina, 1996.

\_\_\_\_\_. *Programa do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos, 1997.

\_\_\_\_\_. *Programa do XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recife, 1998.

\_\_\_\_\_. *Programa do XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. *Dos GTs aos Núcleos de Pesquisa*. São Paulo, 2000a. 4 p.(Digitado).

\_\_\_\_\_. *Núcleos de Pesquisa*. São Paulo, 2000b. 2 p. (Digitado).

\_\_\_\_\_. *Programa do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Manaus, 2000c. (Digitado).